



Entrevista com...

Luís Mira Amaral

Presidente Executivo do
Banco BIC Português

I: Que lições se podem tirar da crise financeira que o mundo ainda vive?

LMA: Há a ideia de que a crise financeira começada em 2007 – a chamada crise do “subprime” – foi desencadeada apenas pelo sistema financeiro americano. Ele foi de facto o detonador mas a crise radica também em profundos desequilíbrios macroeconómicos à escala mundial entre países excedentários como a China e países deficitários como os EUA.

Eu próprio escrevi um livro em 2008 “E Depois da Crise” em que explicava isto. Os livros “This Time is Different” de Carmen Reinhart e Kenett Rogoff e “Shifts and Shocks” de Martin Wolf vêm abordar esta dupla dimensão da crise – mau comportamento do sistema financeiro e de desequilíbrios macro à escala global.

É pois necessário melhorar a regulação e o funcionamento do sistema financeiro e rebalancear a economia global reduzindo esses desequilíbrios entre países excedentários e países deficitários. De certo modo, a recente crise chinesa veio mostrar que o modelo chinês está esgotado, impondo-se agora um papel mais importante do mercado interno chinês como motor de crescimento. Por outro lado, a crise dos países periféricos da zona euro veio mostrar os limites ao crescimento de países muito endividados.

I: Depois da crise, na banca em Portugal, nada ficará como dantes. Quais são as transformações mais importantes que já ocorreram e quais os desafios que ainda se colocam aos bancos em Portugal?

LMA: Depois da crise, tem-se tentado fortalecer a regulação e a supervisão do sistema financeiro mas é preciso perceber que um esquema regulatório é sempre montado com base nas lições da crise anterior... Acontece que a inovação financeira, que sempre ocorre e que é muito positiva para o desenvolvimento económico, dado o papel fundamental do sistema financeiro como intermediário entre a poupança e o financiamento da economia, acaba por pôr em causa o modelo regulatório e ser ela própria geradora de potenciais instabilidades e riscos sistémicos. Por isso é preciso ter a humildade e o realismo de perceber que nunca teremos uma regulação que nos impeça futuras crises. Esperemos que o aperfeiçoamento dos esquemas regulatórios e o reforço de cooperação internacional impeçam que futuras crises tenham a dimensão global desta começada em 2007.

Por outro lado, estamos mais uma vez a ver que os excessos regulatórios estimulam o aparecimento e dinamização do chamado “shadow banking” não regulado, o

qual, devido às interligações que acabam de ter com o sector regulado, é ele próprio criador do risco sistémico para este.

Por isso falo também em humildade e realismo para evitar essa deriva regulatória e burocrática que já estamos a sentir na zona euro e na banca portuguesa.

Nesta, tivemos na sequência do Programa da Troika um sério esforço de desalavancagem que obviamente pôs constrangimentos à concessão de crédito.

Ultrapassada essa fase, a banca portuguesa tem agora que enfrentar os desafios impostos por Basileia III e pela União Bancária Europeia com o papel crescente do BCE, apoiado pelo Banco de Portugal, na supervisão dos nossos bancos.

Como pano de fundo temos ainda os sérios problemas de rendibilidade da banca portuguesa ligados aos nossos problemas económicos que levaram ao disparo do crédito mal parado e à pouca procura de crédito que tenha um binómio qualidade-risco aceitável. Com efeito, as linhas de crédito à habitação e ao consumo retraíram-se e temos uma estrutura empresarial extremamente dual, com um conjunto infelizmente pequeno de boas empresas, designadamente de bens transaccionáveis, susceptíveis de serem financiadas pela banca e infelizmente um conjunto muito grande de empresas financeiramente muito desequilibradas e excessivamente concentradas num mercado doméstico que se retraiu com o Programa de Ajustamento.

“[...] é preciso ter a humildade e o realismo de perceber que nunca teremos uma regulação que nos impeça futuras crises.”



“É preciso que não se repitam práticas, ética, moral e socialmente condenáveis, por parte de banqueiros e gestores bancários ocorridas num passado recente.”



A banca não vai financiar estas empresas de alto risco pois a banca gere um produto de capital garantido – os depósitos – que forçosamente tem de ser transformado em crédito de risco aceitável e não se resolve o problema das empresas muito endividadas com o recurso a mais endividamento.

Neste contexto, é importante chamar a atenção que o sistema financeiro não se reduz ao sistema bancário e teremos que desenvolver na União Europeia um mercado de capitais, tendo como referência os EUA, e ter instituições financeiras especializadas quer para apoiar as *star-ups* e o empreendedorismo quer para apoiar empresas economicamente viáveis mas financeiramente desequilibradas, aqui através daquilo que eu chamaria os “COCOS” para a economia real.

I: A confiança, um atributo indissociável da atividade bancária, foi fortemente abalada com a crise. Em concreto o que é preciso fazer para a restaurar?

LMA: A banca gere um bem público que é a confiança dos depositantes no sistema.

Não bastará ter sistemas regulatórios mais perfeitos pois eles pela sua própria natureza, e como expliquei, são sempre imperfeitos.

É preciso que não se repitam práticas, ética, moral e socialmente condenáveis, por parte de banqueiros e gestores bancários ocorridas num passado recente. É preciso ter na banca pessoas que, além da sua competência técnica, tenham uma ética e um comportamento absolutamente à prova de bala.

“É preciso ter na banca pessoas que, além da sua competência técnica, tenham uma ética e um comportamento absolutamente à prova de bala.”

Neste contexto, considero muito positivas as novas exigências do Banco de Portugal quanto à idoneidade dos membros dos órgãos sociais da banca.

I: Como vê a relação entre as economias de Angola e de Portugal no atual contexto?

LMA: A economia angolana é obviamente importante para os empresários portugueses e também acho muito positivo o investimento angolano na nossa economia, na medida em que reforça a convergência entre os interesses das duas economias. Mas é preciso ter consciência que Portugal “apenas” exporta 40% do PIB, sendo o Valor Acrescentado Nacional, ou seja a contribuição das nossas exportações para o PIB apenas de 25%, dado que essas exportações geram importações de 15% do PIB.

Angola representa cerca de 7% das exportações portuguesas, ou seja 2.8% do PIB português, sendo a contribuição para o nosso PIB, pelas razões já referidas, ainda inferior aos 2.8% do PIB.

Por isso, se bem que o choque expansionista da oferta do petróleo fazendo descer dramaticamente os preços do crude, tenha afectado muito a economia angolana, o efeito negativo no nosso PIB é pequeno. E é mais importante o efeito positivo para a economia portuguesa da alteração favorável para nós, dos termos de troca com a descida do preço do petróleo, pelo facto de sermos importadores.

Dizendo isto não quero relativizar os problemas complicados que se põem neste momento às empresas portuguesas exportadoras para Angola e aos nossos compatriotas que trabalham em Angola e com famílias em Portugal, cujo sustento depende das transferências de Angola. Apenas quero chamar a atenção que a estrutura do PIB português está pouco dependente das exportações para Angola.

I: O Banco BIC Português e o Banco BIC Angola estão ligados umbilicalmente. Que vantagens resultam daí para os diferentes agentes?

LMA: O Banco BIC Português SA é um banco português e o Banco BIC SA (AO) é um banco angolano. Têm uma estrutura acionista semelhante, digamos que o



“[...] teremos dentro de dois anos uma modelo muito diferente e muito mais exigente de gestão dos bancos portugueses.”

Banco BIC SA é naturalmente o correspondente em Angola do Banco BIC Português e, simetricamente, nós somos no mercado português o banco correspondente do Banco BIC SA. Sendo assim, os dois bancos têm trabalhado em conjunto para desenvolver as relações económicas entre os países, quer financiando as exportações portuguesas para Angola, e gerindo as respectivas trans-

ferências para as empresas portuguesas, quer apoiando o IDE português em Angola e o IDE angolano em Portugal.

I: A gestão de recursos humanos assume um papel fundamental em momentos como os que vivemos. Quais são as linhas orientadoras do Banco neste domínio?

LMA: Nós herdámos do BPN uma estrutura humana muito desmotivada e muito desactualizada em termos de formação, a meu ver agravada pela gestão transitória, demasiado longa, que a CGD fez no BPN. Assim sendo, a nossa primeira preocupação tinha de ser a motivação e recuperação psicológica dos trabalhadores, completada pela actualização do conhecimento sobre: o mercado e a operação bancária, produtos financeiros, mecanismos de *trade finance* e banca digital, com tudo o que isso representa em termos dos sistemas de informação, novos canais electrónicos, mobilidade e novos sistemas de pagamento.

I: E sobre formação? Quais são as estratégias e as temáticas prioritárias no Banco BIC?

LMA: Com as novas exigências regulatórias e do governo das instituições bancárias impostas pelo BCE, Banco de Portugal, União Bancária Europeia e Basileia III, teremos dentro de dois anos um modelo muito diferente e muito mais exigente de gestão dos bancos portugueses.

Isso vai impor crescentes condições de formação aos nossos colaboradores no domínio, da Auditoria, do *Compliance*, da Gestão dos Riscos e da Segurança *Cyberinformática*, crucial com o avanço na banca digital.

Estas são as exigências da formação que teremos no futuro imediato. ■

Redigido segundo a antiga ortografia.

ANÍBAL SANTOS Novo Diretor Geral do IFB e Presidente do ISGB



Aníbal D. Santos assumiu funções de Diretor Geral do Instituto de Formação Bancária e de Presidente do Instituto Superior de Gestão Bancária por nomeação da Direção da Associação Portuguesa de Bancos.

Aníbal Santos é Doutor em Economia, Professor da Católica Lisbon School of Business & Economics, foi Administrador da REN e, anteriormente, Administrador e “Chairman” do IPE, Administrador não Executivo do Banco de Fomento e Exterior, entre outros cargos desempenhados.